

A ATMOSFERA DE UMA ÉPOCA: UM DIÁLOGO ENTRE OS PENSAMENTOS DE LUDWIK FLECK E MARC BLOCH

Claudia Smuk da Rocha¹
Iône Inês Pinsson Slongo²

Resumo: Este artigo procura estabelecer um diálogo entre a epistemologia do médico e filósofo polonês Ludwik Fleck (1896-1961) e a teoria do historiador francês Marc Bloch (1886-1944), por meio de uma análise comparativa das obras fundamentais destes pensadores: *Gênese e desenvolvimento de um fato científico* e *Apologia da História, ou O ofício de historiador*, respectivamente. O cotejar do pensamento dos dois autores busca por possíveis aproximações e distanciamentos entre as suas teorias do conhecimento. Este exercício comparativo evidencia, principalmente, as semelhanças na concepção de ciência, na formulação de conceitos e na utilização de determinadas categorias analíticas, a partir do que é possível argumentar, à luz da epistemologia fleckiana, que a convergência é fruto do compartilhamento do estilo de pensamento sociológico e de outros pressupostos da ciência moderna renovadora, construídos a partir do século XX.

Palavras-chave: Epistemologia de Fleck; Teoria da História de Bloch; Análise comparativa.

THE ATMOSPHERE OF AN EPOCH: A DIALOGUE BETWEEN THE THOUGHTS OF LUDWIK FLECK AND MARC BLOCH

Abstract: This article tries to establish a dialogue between the epistemology of the polish doctor and philosopher Ludwik Fleck (1896-1961) and the theory of the french historian Marc Bloch (1886-1944), through a comparative analysis of the fundamental works of these thinkers: *Genesis and development of a scientific fact* and *Apology of History, or The office of historian*, respectively. Comparing the thoughts of the two authors seeks possible approximations and distances between their theories of knowledge. This comparative exercise shows, mainly, the similarities in the conception of science, in the formulation of concepts and in the use of certain analytical categories, from what is possible to argue, in the light of the fleckian epistemology, that the convergence is the result of the sharing of the sociological style of thought and other presuppositions of renovating modern science, built from the 20th century.

Keywords: Fleck's Epistemology; Bloch's Theory of History; Comparative analysis.

Introdução

Da segunda metade do século XIX à primeira metade do século XX, o mundo passou por uma revolução científica, na qual se destacaram, entre outras, importantes descobertas no campo da química (o elétron, o efeito Zeeman, o raio x e a radioatividade) e da física (a eletricidade, o eletromagnetismo, a teoria da relatividade), a teoria evolucionista de Darwin na área das Ciências Biológicas e o

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. Email: smukdarocha@gmail.com

² Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. Email: ione.slongo@uffs.edu.br

materialismo histórico-dialético, desenvolvido por Marx, na Filosofia.³ Na esteira desta revolução, este artigo procura abordar as contribuições de dois pensadores, um da área das Ciências da Saúde e outro das Ciências Humanas, que viveram neste contexto. Um deles é Ludwik Fleck (1896-1961), médico e pesquisador polonês, do campo da microbiologia, imunologia, bacteriologia e da filosofia da ciência. O outro é Marc Bloch (1886-1944), historiador medievalista francês, que também refletiu sobre os métodos historiográficos.

A possibilidade de diálogo entre os pensamentos de Fleck e Bloch se tornou perceptível na construção da fundamentação teórica de uma pesquisa⁴ que articulou os campos da Educação e da História, buscando apoio epistemológico em Fleck. Tal revisão bibliográfica permitiu o contato com o estudo de Georg Otte, que apontou aproximações e distanciamentos entre o pensamento de Fleck e o do filósofo alemão Walter Benjamin.⁵ O exercício realizado por Otte serviu de inspiração para o estudo comparativo entre as ideias de Fleck e Bloch, sendo que a relevância deste diálogo se ampliou quando, na mencionada revisão bibliográfica, a ausência de um estudo comparativo sobre o pensamento dos dois autores foi evidenciada.

Outro fator que reforçou a possibilidade de diálogo entre Fleck e Bloch foi uma das características da abordagem epistemológica de Fleck, que é a valorização da História e a sua utilização enquanto método. Fleck destacou que

[...] não conseguimos deixar para trás o passado – com todos os seus erros. Ele continua vivo nos conceitos herdados, nas abordagens dos problemas, nas doutrinas das escolas, na vida cotidiana, na linguagem e nas instituições. Não existe geração espontânea (*Generatio spontanea*) dos conceitos; eles são, por assim dizer, determinados pelos seus ancestrais. O passado é muito mais perigoso, isto é, só é perigoso quando os vínculos com ele permanecem inconscientes e desconhecidos.⁶

³ CHASSOT, Ático. **A ciência através dos tempos**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2004.

⁴ ROCHA, Claudia Smuk da. **O estado do conhecimento sobre o Ensino de História na EJA**: um estudo a partir dos Anais dos Simpósios da Associação Nacional de História (ANPUH-Brasil) 1961-2015. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016.

⁵ OTTE, Georg. Fato e pensamento em Ludwik Fleck e Walter Benjamin. In: CONDÉ, Mauro Lúcio L. (org.). **Ludwik Fleck**: estilos de pensamento na ciência. Belo Horizonte: Traço Fino, 2012. p. 109-119.

⁶ FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. p. 61.

Os pressupostos científicos da História, construídos a partir do século XIX, tiveram forte influência das ciências exatas e naturais. Com a crise da ciência “clássica”, no início do século XX, em função da teoria einsteiniana, os pressupostos das ciências humanas e sociais também entraram em colapso. Isso se deu pelo “[...] questionamento mais ou menos extenso das categorias e extrapolações elaboradas a partir da física newtoniana e da arquitetura filosófica do idealismo [...]”.⁷ No caso da História, a crise afetou a abordagem chamada de historicismo, um enfoque factual e linear da História, com uma concepção determinista da mesma.

Contribuindo para uma melhor compreensão das transformações nos pressupostos da ciência histórica, Cardoso ofereceu uma classificação das diversas correntes da epistemologia da História, de acordo com suas especificidades teóricas e metodológicas, categorizando-as em três modalidades básicas de estilos epistemológicos: as posturas reconstrucionista, construcionista e desconstrucionista. O historiador alertou, no entanto, para as características não rígidas dessa classificação, já que se referem a “[...] um ambiente de historiadores que, além de mutável no tempo, apresenta trocas e influências”.⁸

Elencadas na abordagem epistemológica reconstrucionista situam-se as teorias da História que predominaram no século XIX, tendo como método o empirismo indutivo. O construcionismo, por sua vez, corresponde aos modelos explicativos racionalistas construídos a partir da segunda metade do século XIX, e que predominaram até a década de 1960. Esta modalidade, segundo Cardoso (2012), tem como pressuposto que o historiador, enquanto sujeito cognoscente, constrói um conhecimento possível – não absoluto – do passado, concebido a partir de um problema do presente e analisado pelo método dedutivo. Já o desconstrucionismo é uma postura epistemológica influenciada pelo pensamento

⁷ WEHLING, Arno. Fundamentos e virtualidades da epistemologia da História: algumas questões. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 147-169, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1943>. Acesso em 16/02/2016. p. 147.

⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. História e conhecimento: uma abordagem epistemológica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 1-19. p. 3.

pós-moderno, difundido a partir da década de 1970 e que mantém “[...] o foco para as estruturas discursivas [...]”.⁹

Esta classificação contribuiu para validar o diálogo entre os dois autores, uma vez que tanto Fleck como Bloch problematizaram pressupostos da ciência moderna conservadora, linear, rígida e pautada no conhecimento neutro, na quantificação, nos testes empíricos e no rigoroso determinismo. Especialmente no Século XX estes valores e ideias foram fortemente confrontados por filósofos, epistemólogos e historiadores, ressignificando o fazer científico como uma atividade humana, não neutra e produtora de verdades históricas, desestabilizando assim, os valores herdados da ciência moderna “clássica”, desenvolvida entre os séculos XVI e XIX.

Bloch, um dos fundadores do periódico que deu origem ao movimento historiográfico conhecido como Escola dos *Annales*, se insere na modalidade epistemológica construcionista. Fleck, por sua vez, desenvolve sua teoria da ciência a partir de uma abordagem construtivista, sociologicamente orientada. Portanto, o construcionismo e construtivismo social são abordagens convergentes, à medida que endossam a impossibilidade de percepção direta da realidade objetiva, ressaltando que a realidade só é conhecida pela mediação social.

Partindo desta hipótese, busca-se responder à pergunta: que aproximações e distanciamentos são possíveis entre os pressupostos científicos, conceitos e categorias fundamentais da epistemologia de Ludwik Fleck e a teoria da História de Marc Bloch?

Assim, em um primeiro momento, o artigo aborda a biografia de Fleck e os aspectos essenciais de sua teoria do conhecimento. Os pressupostos da epistemologia fleckiana apresentados constituem a lente pela qual este estudo procura identificar e analisar as aproximações e/ou distanciamentos entre o pensamento dos dois autores.

Fleck desenvolveu uma “teoria comparada do conhecimento”, baseada no método da análise histórico-epistemológica. Ao explicar como se dá o processo do

⁹ VAINFAS, Ronaldo. Conclusão: avanços em xeque, retornos úteis. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 319-335. p. 319.

conhecimento, entre outros aspectos, acrescentou à tradicional relação sujeito e objeto um terceiro elemento que atua no processo cognoscitivo, o estado do conhecimento, próprio de uma época e lugar. Segundo o autor, “Todos os caminhos de uma teoria fecunda do conhecimento desembocam no conceito de estilo de pensamento, cujas variantes podem ser comparadas e estudadas enquanto resultado de um desenvolvimento histórico”.¹⁰

Na epistemologia de Fleck, o conceito de “estilo de pensamento” é adstrito a outro, o de “coletivo de pensamento”. Ambos só existem na relação e, enquanto “estilo de pensamento” consiste em uma rede de conceitos e pressupostos que orientam formas de perceber, pensar e agir, que se modificam ao longo da história e são socialmente condicionados, o “coletivo de pensamento” é o portador destes modos de conceber e atuar que compõem o estilo.

O desenvolvimento histórico dos saberes efetiva-se no constante intercâmbio entre os indivíduos por meio do que denomina de “circulação intracoletiva e intercoletiva de ideias”. A evolução da ciência é resultado destas influências¹¹ recíprocas, que favorecem a emergência de novos problemas de pesquisa. Deste modo, sua epistemologia orienta-se por uma perspectiva histórica e sociológica.

Assim, especialmente as categorias epistemológicas “estilo de pensamento”, “coletivo de pensamento” e “circulação intracoletiva e intercoletiva de ideias” orientaram a construção das categorias analíticas do estudo comparativo aqui relatado.

Em um segundo momento, paralelamente à apresentação de dados biográficos e da carreira acadêmica de Bloch, o artigo ressalta aspectos comuns e particularidades na trajetória de vida de Fleck e Bloch, e logo parte para a análise comparada dos seus pensamentos e das concepções de ciência, debruçando-se

¹⁰ FLECK, *Op. Cit.*, p. 149.

¹¹ A utilização da noção de “influência” ao longo do texto adota o sentido de um elemento constitutivo do “estilo de pensamento”, fruto da circulação de ideias, no significado mais elementar do termo, ou seja, o do efeito da ação que um indivíduo ou ideia exerce sobre outros. Para Fleck, *Op. Cit.*, p. 49, “Existe um vínculo no estilo de todos – ou muitos – conceitos de uma época, vínculo que consiste em uma influência mútua. Por isso, pode-se falar num estilo de pensamento (*Denkstil*) que determina o estilo de todo conceito”.

especialmente nas obras fundamentais – *Gênese e desenvolvimento de um fato científico* e *Apologia da História, ou O ofício de historiador*, respectivamente.

Neste momento, como suporte metodológico adotou-se a análise de conteúdo em sua técnica mais comum que é a análise categorial, consistindo em “[...] operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”.¹² Tal procedimento proporcionou a construção de algumas categorias analíticas, fundamentadas teoricamente em Fleck, com o propósito de conhecer a relação sincrônica entre as obras e as conjunturas em que foram produzidas, bem como as aproximações e distanciamentos de concepções científicas dos autores, ressalvadas as especificidades de cada área do conhecimento em que atuaram.

As categorias analíticas que emergiram do exercício comparativo foram: trajetórias de vida, presença do pensamento sociológico, concepção de fato científico, atuação de acordo com a “atmosfera de uma época”, compreensão da categoria tempo, intercâmbio de ideias, linguagem e nomenclatura, importância da Psicologia e o caráter coletivo da construção do conhecimento. Os dados assim organizados e analisados evidenciaram, principalmente, a aproximação entre as teorias dos autores, guardados alguns distanciamentos pontuais na construção e abordagem de seus modelos teóricos.

Breves apontamentos sobre a vida e a obra de Ludwik Fleck

Ludwik Fleck nasceu em 1896, na cidade de Lwów, na Galícia polonesa, quando esta se encontrava sob o domínio austro-húngaro.¹³ Em 1919 a localidade passou a pertencer à Polônia. Na Segunda Guerra Mundial, foi ocupada pelos soviéticos em 1939, e pelos alemães, em 1941. Com o fim da guerra, passou a fazer parte da República Socialista Soviética da Ucrânia. Desde 1991, com o fim da União Soviética, pertence à Ucrânia, e no idioma local recebe a grafia Lviv.

Fleck, aos dezoito anos, “Em 1914, matriculou-se no curso de medicina na Universidade Jan Kazimierz, que concluiu com o doutorado em clínica geral, depois

¹² BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002. p. 153.

¹³ SCHÄFER, Lothar; SCHNELLE, Thomas. Fundamentação da perspectiva sociológica de Ludwik Fleck na teoria da ciência. In: FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. p. 1-36. p. 3.

de uma interrupção devido ao serviço militar na Primeira Guerra Mundial”.¹⁴ Desde então, já tinha inclinações para a microbiologia, e em 1920 passou a atuar na área, inicialmente como assistente de Rudolf Weigl, um renomado pesquisador especialista em tifo.

A origem judaica foi um fator que influenciou sobremaneira a vida de Fleck, embora ele não tenha sido criado em uma família religiosa e “[...] não falava uma palavra de hebraico”.¹⁵ Fleck foi obrigado a abandonar importantes cargos que alcançou em Lwów, em função da ocupação alemã. Foi levado pela organização paramilitar nazista SS para um gueto judeu da cidade, juntamente com sua esposa e filho. “Por ocasião de epidemia de tifo no gueto, para a qual não havia vacina disponível, ele desenvolveu um novo procedimento mediante o qual conseguia extrair vacina da urina dos infectados”.¹⁶ Quando a SS descobriu o feito de Fleck, obrigou-o a trabalhar em seus laboratórios, inclusive nos campos de concentração de Auschwitz e Buchenwald. Neste último, juntamente com outros prisioneiros, Fleck realizou uma ação admirável, que consistiu em fabricar um placebo da vacina contra o tifo para apresentar à SS, enquanto que as vacinas com eficácia foram destinadas aos presos do campo.

Fleck, sua esposa e seu filho conseguiram sobreviver ao holocausto. Depois de liberto, passou por um período de reabilitação e retornou às atividades na Universidade de Medicina de Lublin, com as pesquisas em microbiologia. A partir de 1946, trabalhou em diferentes Instituições e foi um sujeito histórico ativo na busca de justiça contra os crimes nazistas.¹⁷ Em 1957 mudou-se para Israel, onde assumiu outros cargos, até seu falecimento, em 05 de junho de 1961, aos 65 anos, em virtude de um segundo infarto.

Na sua trajetória, Fleck também se ocupou em refletir sobre a natureza da atividade científica. No período entre 1926 e 1946 ele expressou, através de um conjunto de artigos e de uma monografia, ideias inovadoras sobre a ciência,

¹⁴ *Ibidem*. p. 4.

¹⁵ FEHR, Johannes. Ludwik Fleck – Sua Vida e Obra. In: CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão (org.). **Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência**. Belo Horizonte: Traço Fino, 2012. p. 35-50. p. 36.

¹⁶ SCHÄFER; SCHNELLE, *Op. Cit.*, p. 5.

¹⁷ Segundo SCHÄFER; SCHNELLE, *Op. Cit.*, p. 6, “Em 1948, Fleck assistiu ao processo da *IG-Farben* em Nuremberg, depondo, na qualidade de perito, sobre as experiências com as diversas novas vacinas de tifo fabricadas pela *IG-Farben*, aplicadas em prisioneiros artificialmente infectados no bloco 46 do campo de Bunchenwald”.

desenvolvendo uma epistemologia própria, sob a influência da Escola Polonesa de Filosofia da Medicina.¹⁸ A monografia foi publicada originalmente em alemão em 1935, traduzida para o inglês em 1979, para o espanhol em 1986 e para o português em 2010, sob o título *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Entretanto,

Embora muito relevante, a contribuição à teoria da ciência trazida por Fleck, foi praticamente negligenciada à época. Em parte, isso se deu por dificuldades como as trazidas pela Segunda Guerra, mas, sobretudo, pela originalidade das ideias contidas na obra.¹⁹

A obra “[...] aborda dois complexos de temas: no primeiro, o autor observa um estudo de caso da história da medicina, a saber, o desenvolvimento do conceito de sífilis. A partir daí, no segundo, examina suas deduções epistemológicas”.²⁰ Com esta análise histórico-epistemológica, Fleck trouxe importantes contribuições, tais como as concepções do condicionamento histórico/social do conhecimento e do caráter coletivo da pesquisa científica, sobre as quais atuam as forças sociais. Nela

Fleck trabalha, à semelhança de outros epistemólogos, o modelo interativo do processo de conhecimento, subtraindo, portanto, a neutralidade do sujeito, do objeto e do conhecimento, afinando-se claramente com a concepção construtivista da verdade. O conhecimento a que se refere está intimamente ligado a pressupostos e condicionamentos sociais, históricos, antropológicos e culturais e, à medida que se processa, transforma a realidade.²¹

A organização das comunidades científicas se dá, segundo Fleck, por meio de unidades sociais, as quais ele denominou “coletivos de pensamento”. A dinâmica científica, por sua vez, ocorre em função da extensão e transformação dos “estilos de pensamento” vinculados a tais grupos de pesquisadores com interesses em

¹⁸ LÖWY, Ilana. Fleck no seu tempo, Fleck no nosso tempo: Gênese e desenvolvimento de um pensamento. In: CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão (org.). **Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência**. Belo Horizonte: Traço Fino, 2012. p. 11-33. p. 14.

¹⁹ CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. Apresentação. In: CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão (org.). **Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência**. Belo Horizonte: Traço Fino, 2012. p. 7-9. p. 7.

²⁰ SCHÄFER; SCHNELLE, *Op. Cit.*, p. 14.

²¹ DELIZOICOV, Demétrio; et al.. Sociogênese do conhecimento e pesquisa em ensino: contribuições a partir do referencial fleckiano. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 19, n. especial, p. 52-69, jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/10054>. Acesso em 12/09/2015. p. 56.

comum. Ele ressaltava, entretanto, que os “estilos de pensamento” resultam do desenvolvimento histórico dos saberes e que são socialmente condicionados, constituindo uma rede de conceitos e pressupostos, formas de pensar e agir característicos, que estão em constante intercâmbio entre os indivíduos pertencentes a um mesmo “coletivo de pensamento”, assim como entre membros de coletivos distintos.

Em seu aspecto gnosiológico, a teoria de Fleck se caracteriza pela flexibilização dos nexos entre o sujeito cognoscente e o objeto a ser conhecido, rompendo com a polarização apresentada, por um lado, pelos empiristas, que viam todo o potencial do conhecimento no objeto, e de outro, pelos racionalistas, que atribuíam essa virtude de conhecer exclusivamente ao sujeito. Como observou Slongo, Fleck “Ressignificou a relação cognoscitiva, acrescentando à tradicional díade sujeito-objeto o ‘estado do conhecimento’, um terceiro fator que atua no processo do conhecimento e procede das relações históricas, sociais e culturais”.²²

A epistemologia de Fleck preconiza que a ciência se estrutura a partir da organização social dos indivíduos, não sendo uma simples soma deles e do resultado de suas investigações, mas sim, um trabalho organizado de forma cooperativa. O que une esses grupos são pressupostos compartilhados, problemas de pesquisa comuns, fundamentados em uma motivação social.

Para melhor explicar essa relação, o autor cunhou os conceitos de “coletivo de pensamento” e de “estilo de pensamento”. “O primeiro designa a unidade social da comunidade de cientistas de uma disciplina; o segundo, os pressupostos de pensamento sobre os quais o coletivo constrói seu edifício de saber”.²³ Um coletivo de pensamento se forma “[...] quando duas ou mais pessoas trocam ideias: são coletivos momentâneos ou casuais de pensamento, [...] neles também surge uma predisposição (*Stimmung*) peculiar, [...] que volta com frequência assim que determinadas pessoas se reúnem”.²⁴

²² SLONGO, Iône Inês Pinsson. **A produção acadêmica em Ensino de Biologia**: um estudo a partir de teses e dissertações. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. p. 101.

²³ SCHÄFER; SCHNELLE, *Op. Cit.*, p. 16.

²⁴ FLECK, *Op. Cit.*, p. 154.

Já a categoria estilo de pensamento se constitui como a mais ampla, diretamente ligada à primeira, sendo que ambas não podem ser desvinculadas. A natureza de um estilo de pensamento e suas características gerais são as seguintes:

O estilo de pensamento, assim como qualquer estilo, consiste numa determinada atmosfera (*Stimmung*) e sua realização. Uma atmosfera (*Stimmung*) possui dois lados inseparáveis: ela é a disposição (*Bereitschaft*) para um sentir seletivo e para um agir direcionado correspondente. Ela gera as formas de expressão adequadas: religião, ciência, arte, costumes, guerra etc, de acordo com a predominância de certos motivos coletivos e dos meios coletivos investidos. Podemos, portanto, *definir o estilo de pensamento como percepção direcionada em conjunção com o processamento correspondente no plano mental e objetivo*. Este estilo é marcado por características comuns dos problemas, que interessam a um coletivo de pensamento; dos julgamentos, que considera como evidentes e dos métodos, que aplica como meios do conhecimento. É acompanhado, eventualmente, por um estilo técnico e literário do sistema do saber.²⁵

Os conceitos de coletivo e estilo de pensamento são generalizáveis a diversas esferas da vida social e às diferentes áreas de organização do conhecimento. Para tanto, Fleck demonstrou a existência de uma “estrutura universal do coletivo de pensamento”, classificando-a em círculos “esotéricos”, aos quais pertencem os especialistas na área, os produtores do pensamento especializado, e os círculos “exotéricos”, onde se situam os “leigos instruídos”, os “leigos” e a “opinião pública”. Conforme definiu Fleck,

Essa estrutura universal do coletivo de pensamento consiste no seguinte: em torno de qualquer formação do pensamento, seja um dogma religioso, uma ideia científica ou um pensamento artístico, forma-se um pequeno círculo esotérico e um círculo exotérico maior de participantes do coletivo de pensamento. Um coletivo de pensamento consiste em muitos desses círculos que se sobrepõem, e um indivíduo pertence a vários círculos exotéricos e a poucos círculos esotéricos. Existe uma hierarquia gradual de iniciação e muitos fios que ligam tanto cada um dos níveis, quanto os diversos círculos. O círculo exotérico não possui uma relação imediata com aquela formação de pensamento, mas apenas através da intermediação do círculo esotérico.²⁶

²⁵ FLECK, *Op. Cit.*, p. 149, grifos do original.

²⁶ FLECK, *Op. Cit.*, p. 157.

Na circulação intracoletiva de ideias, Fleck apontou a existência de uma influência de “acoplamentos coercitivos”. Tais acoplamentos induzem os membros do coletivo a aderir a um “sistema de opinião”. No trânsito do conhecimento, os “[...] coletivos de pensamento constroem sistemas de opinião que reclamam para si a explicação ampla de seu objeto de estudo. Quanto mais fortes esses estilos de pensamento, tanto mais sugestivo seu poder sobre os membros do coletivo”.²⁷ Conforme aumenta a estabilidade do coletivo e de seu estilo de pensamento, os sistemas de opinião adquirem uma “tendência à persistência”, dando pouca atenção aos fatos ou fenômenos que constituem exceções, refutando as contradições apresentadas.

Esse comportamento seria característico do que Fleck chamou de “harmonia das ilusões”, a primeira etapa da dinâmica científica: a “instauração de um estilo de pensamento”, quando a ciência adquire *status* de clássica. Em um segundo momento, o coletivo trabalha para desenvolver o pensamento dominante, etapa que Fleck chamou de “extensão do estilo de pensamento”, onde ocorre a expansão dos problemas de pesquisa.

Contudo, quando os pressupostos que mantém a “harmonia das ilusões” são abalados, por contestação ou por outras descobertas, inicia a terceira fase da dinâmica científica, marcada por “complicações”, quando surgem evidências da “[...] exaustão de um estilo de pensamento, que se manifesta pela perda do ‘ver formativo’[...]; o coletivo de pensamento toma consciência das exceções, o que pressupõe mudança de pensamento, que resulta na construção de novos fatos científicos”.²⁸ Este movimento implica na transformação de um estilo de pensamento.

Trajetórias de vida e o pensamento sociológico

O historiador francês Marc Bloch foi contemporâneo de Fleck, tendo nascido uma década antes, em 1886. Em 1944 redigiu sua crítica do método historiográfico, que resultou na obra *Apologia da História, ou O ofício de*

²⁷ SCHÄFER; SCHNELLE, *Op. Cit.*, p. 27.

²⁸ SLONGO, *Op. Cit.*, p. 107.

historiador.²⁹ Embora Bloch e Fleck não tenham sido interlocutores e não se tenha conhecimento de provas de que soubessem da existência um do outro, o fato de terem sido homens de uma mesma época aponta para a possibilidade de uma análise comparativa de seus pensamentos.

O ponto de partida desta tentativa de diálogo é o fato de que os dois pensadores foram precursores na introdução de novos enfoques para os objetos de suas ciências. Fleck “Hoje é considerado na Europa como pioneiro na abordagem construtivista, interacionista e sociologicamente orientada sobre história e filosofia da ciência”,³⁰ ao passo que Bloch, em parceria com o historiador francês Lucien Febvre, fundou em 1929 a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, “[...] publicação essa que daria origem a todo um movimento de renovação na historiografia francesa e que está na base do que hoje chamamos de ‘Nova História’”.³¹

Desta ação de Bloch e Febvre, inaugurou-se na França a Escola dos *Annales*, que influenciou as gerações que lhes sucederam. O medievalista francês Jacques Le Goff, pertencente à terceira geração dos *Annales*, traçou um revelador perfil de Bloch:

[...] nascido em 1886, formado no seio de uma família universitária judia e dreyfusista, insatisfeito com a estreiteza e a superficialidade da concepção, da prática e do ensino da história na França do início do século XX e que, através de seu encontro com Lucien Febvre, tornou-se um dos grandes atores da renovação da história entre as duas guerras, por sua obra, seu ensino e a influência dos *Annales*, dos quais foi co-fundador. Um filho espiritual de Michelet e de Fustel de Coulanges, reunindo assim o melhor da historiografia europeia no final do século XIX e no início do século XX, um leitor de Marx, de Durkheim, de Simiand [...]. Como teria definido a si próprio, um filho de sua época, mais ainda que de seu pai. E essa época é a III República, as duas guerras mundiais que Marc Bloch “fez” e intensamente viveu como cidadão, como soldado e como historiador.³²

²⁹ BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

³⁰ DELIZOICOV et al, *Op. Cit.*, p. 53.

³¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Por uma historiografia da reflexão: apresentação à edição brasileira. In: BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 7-12. p. 10.

³² LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 15-34. p. 33.

Em meio às semelhanças biográficas entre Fleck e Bloch – ambos de família de origem judaica, foram aos campos de batalha na Primeira Guerra Mundial e sofreram a opressão do nazismo na Segunda Guerra – encontra-se no excerto acima outro ponto em comum: a influência da sociologia. Verifica-se que as ideias do campo sociológico estiveram presentes desde a formação inicial de Bloch e tiveram impacto na sua teoria:

Tendo frequentado a École Normale até o ano de 1908, lá entrou em contato com a obra de Lévy-Bruhl – autor que advogava a ideia da existência de ideias definidoras de diferentes momentos civilizatórios – e, sobretudo de Émile Durkheim, declaradamente sua maior influência. Foi a partir da análise da obra do sociólogo e da revista *Année Sociologique* que Bloch reconheceu a importância da interdisciplinaridade e de revestir a prática da história de questões de fôlego mais amplo e afeitas a durações mais longas.³³

Assim como Bloch foi um estudioso da obra do sociólogo Émile Durkheim, Delizoicov et al, apontam que Fleck realizava leituras sistemáticas do autor.³⁴ É possível verificar tal influência na última seção do segundo capítulo de *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, onde o autor demonstra o condicionamento social do conhecimento. Além de Durkheim, Fleck fez referências ao filósofo W. Jerusalem, que disseminou o método sociológico em Viena, e à Lucien Lévy-Bruhl, sociólogo francês, interlocutor de Durkheim.

Nestes autores Fleck encontrou referências importantes. Durkheim o influenciou na percepção da existência de uma leve “coerção” de pensamento na iniciação em um coletivo: “Durkheim se refere expressamente à coerção que as configurações sociais, enquanto fatos objetivos e específicos e comportamento regularizado, exercem no indivíduo e sobre o caráter supra individual e objetivo do imaginário coletivo”.³⁵ Durkheim falava dos produtos da atividade do “espírito global”, tais como linguagem, crenças e costumes, onde Fleck percebeu a atuação de uma “atmosfera social” no pensamento coletivo. De Lévy-Bruhl, Fleck absorveu elementos para o desenvolvimento do método que chamou de “teoria comparada

³³ SCHWARCZ, *Op. Cit.*, p. 8.

³⁴ DELIZOICOV et al, *Op. Cit.*, p. 54.

³⁵ FLECK, *Op. Cit.*, p. 89.

do conhecimento”, já que este sugeria o estudo do imaginário coletivo baseado no método comparativo.

No caso de Bloch, não surpreende o contato com as obras de Durkheim e Lévy-Bruhl, já que eram compatriotas. Contudo, Bloch tinha uma leitura crítica, mostrando-se “[...] preocupado em não confundir história e sociologia; ele recusa ‘a rigidez dos princípios’; mencionará, em certo trecho, a indiferença de Durkheim e de seus discípulos em relação ao tempo”.³⁶ Fleck também criticou Lévy-Bruhl, porém em uma direção diferente de Bloch, contrariando o pressuposto que dizia ser possível criar condições totalmente objetivas para captar as concepções de um grupo social. Para Fleck, “A percepção de propriedades cientificamente reconhecidas [...] tem que ser aprendida e não acontece por si só; é uma capacidade que tem que ser adquirida”.³⁷

Nos anos que se seguiram após o término da Primeira Guerra Mundial, Bloch passou a trabalhar na Universidade de Estrasburgo, onde conviveu com intelectuais de diferentes campos do conhecimento, tais como

O especialista em Antiguidade romana André Piganiol, o medievalista Charles-Edmond Perrin, o sociólogo Gabriel Le Bras, o geógrafo Henri Baulig, o médico e psicólogo Charles Blondel e o sociólogo Maurice Halbwachs, [...] o historiador da Revolução Francesa, Georges Lefebvre e, acima de tudo, com Lucien Febvre, com quem se encontrou diariamente entre 1920 e 1933.³⁸

Esse ambiente intelectual parece ter sido decisivo para Bloch repensar a historiografia, percebendo que esta poderia e deveria se beneficiar das técnicas e métodos de pesquisas de disciplinas auxiliares. O mesmo aconteceu com Fleck, que em seu contato com a Escola Polonesa de Filosofia da Medicina, passou a refletir epistemologicamente sobre a prática e a pesquisa médicas. Bloch acreditava que

Toda ciência, tomada isoladamente, não significa senão um fragmento do universal movimento rumo ao conhecimento. [...] para melhor entender e apreciar seus procedimentos de investigação, mesmo aparentemente os mais específicos, seria indispensável associá-los ao conjunto das tendências que se manifestam, no mesmo momento, nas outras ordens de disciplina.

³⁶ LE GOFF, *Op. Cit.*, p. 21-22.

³⁷ FLECK, *Op. Cit.*, p. 91.

³⁸ SCHWARCZ, *Op. Cit.*, p. 9.

Ora, esse estudo dos métodos em si mesmos constitui, à sua maneira, uma especialidade, da qual os técnicos se nomeiam filósofos. É um título ao qual não posso pretender. Em função dessa lacuna em minha formação inicial, o ensaio aqui apresentado sem dúvida perde muito: em precisão de linguagem como em amplitude de horizonte. Só posso apresentá-lo pelo que é: o memento de um artesão que sempre gostou de meditar sobre sua tarefa cotidiana, a caderneta de um colega que manejou por muito tempo a régua e o compasso, sem por isso se julgar matemático.³⁹

O excerto acima, que encerra a introdução da *Apologia da História*, evidencia que o historiador percebia “tendências” comuns em diferentes disciplinas e se definia como um profissional que prezava pela reflexão acerca de sua prática científica. Modestamente, assumia que havia uma lacuna em sua formação inicial, no âmbito da filosofia. Le Goff afirmou que esta é “[...] uma característica tradicional dos historiadores franceses. Em sua maioria, eles não têm — prudência ou falha? — gosto pela filosofia em geral e pela filosofia da história em particular”.⁴⁰

Portanto, Bloch considerava o estudo dos métodos uma atribuição técnica exclusiva dos filósofos. Já Fleck olhou para esta questão por outro ângulo. No prefácio de *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, afirmou que “[...] o objeto da teoria do conhecimento é a crítica aos métodos para se chegar ao fato”.⁴¹ Então, visto pela perspectiva fleckiana, o trabalho que Bloch desenvolveu em *Apologia da História* tem cunho epistemológico, uma vez que abordou questões como as escolhas do historiador em relação aos objetos, fontes e documentos e suas possíveis “falsificações”, o problema dos testemunhos, a análise histórica com rigor científico, etc..

Todas essas reflexões concorreram decisivamente para a mudança de “estilo de pensamento” na ciência histórica, marcando a transição da modalidade epistemológica reconstrucionista para a construcionista. Tratou-se realmente de uma transição, e não de uma ruptura, pois Bloch continuou a se fundamentar em muitos reconstrucionistas para demonstrar a “legitimidade da história”, que é um

³⁹ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 50.

⁴⁰ LE GOFF, *Op. Cit.*, p. 23.

⁴¹ FLECK, *Op. Cit.*, p. 37.

dos propósitos da obra *Apologia da História*. Bloch nutria profunda admiração por historiadores como Coulanges, Michelet, Langlois e Seignobos (os dois últimos seus professores), assim como por Durkheim, discípulo de Fustel de Coulanges, leitor de Auguste Comte e Herbert Spencer.

O comprometimento social de Bloch ao escrever *Apologia da História* também se aproxima da postura de Fleck – um cientista que colocou a própria vida em risco ao fornecer o placebo da vacina contra tifo aos nazistas em nome da ética profissional e social. Para Le Goff, o fato de Bloch empregar reiteradas vezes a expressão “legitimidade da história”, “[...] mostra que para ele o problema epistemológico da história não é apenas um problema intelectual e científico, mas também um problema cívico e mesmo moral. O historiador tem responsabilidades e deve ‘prestar contas’”.⁴²

A cidadania, um princípio ontológico em Bloch, levou-o a participar do movimento de resistência francesa à invasão alemã na Segunda Guerra Mundial. Assim,

Mesmo contando com 53 anos, Bloch resolve alistar-se, mais uma vez, no exército, avaliando a responsabilidade social em jogo naquela ocasião. Diante da derrota francesa, retorna à vida acadêmica por pouco tempo, entrando, em 1943, para a Resistência do grupo de Lyon. Preso no ano de 1944, o historiador, mesmo em condições absolutamente desfavoráveis, passa seu tempo redigindo.⁴³

Neste ponto da história, a biografia dos autores se distanciou, especificamente em relação aos motivos de seus envolvimento na Segunda Guerra. Se por um lado isso foi para Bloch ato espontâneo, resultado de sua militância e consciência social, por outro, Fleck foi compelido pela sua origem étnica a passar a viver primeiramente em um gueto, para depois ser levado a um campo de concentração. Neste último local, a carreira bem sucedida de Fleck, no campo da pesquisa em microbiologia e imunologia,⁴⁴ foi decisiva para a sua sobrevivência.

⁴² LE GOFF, *Op. Cit.*, p. 17.

⁴³ SCHWARCZ, *Op. Cit.*, p. 10.

⁴⁴ Entre as contribuições de Fleck para as áreas citadas estavam os estudos sobre o fenômeno da “leucergia”, tendo criado um teste prático para identificar inflamações ou infecções, chamado “Teste

Ainda assim, ambos mantiveram, ao longo da Segunda Guerra, uma produtividade científica relevante, mesmo em situações extremamente adversas. Dentre os escritos de Bloch na prisão estava o esboço da obra *Apologia da História*. Esta ficou inacabada, sendo que seu último capítulo sequer foi intitulado, já que Bloch foi “Torturado pela Gestapo, e depois fuzilado em 16 de julho de 1944 em Saint Didier de Formans, perto de Lyon”.⁴⁵ O filho de Bloch, chamado Étienne, e seu colega Lucien Febvre resgataram os manuscritos, sendo que o último assumiu a tarefa de editá-los, publicando a obra pela primeira vez em 1949.

Bloch, no cárcere, na última nota da introdução de *Apologia da História*, se desculpou pelas condições de escrita, antevendo que a mesma permaneceria inacabada:

Talvez não seja inútil acrescentar ainda uma palavra de desculpas; as circunstâncias de minha vida atual, a impossibilidade em que me encontro de ter acesso a uma grande biblioteca, a perda de meus próprios livros fazem com que deva me fiar bastante em minhas notas e em minha memória. As leituras complementares, as verificações exigidas pelas próprias leis do ofício cujas práticas me proponho descrever permanecem para mim frequentemente inacessíveis. Será que um dia poderei preencher essas lacunas? Nunca inteiramente, receio. Só posso, sobre isso, solicitar a indulgência, diria “assumir a culpa” se isso não fosse assumir, mais do que seria legítimo, as culpas do destino.⁴⁶

Com histórias de vida tão dramáticas, não é de se estranhar que ambos dessem ênfase à ação das forças sociais sobre a ciência. Ora impedidos de fazer ciência, de produzir conhecimento, ora fazendo isso em condições desfavoráveis, ainda assim foram grandes pensadores, pioneiros em seus campos do conhecimento, tendo deixado seus legados, sobretudo epistemológico, que nos tempos atuais vêm sendo difundidos, influenciando a produção científica de diferentes áreas.

O fato e a atmosfera de uma época

de Fleck”. Manteve ainda intensas pesquisas a respeito do agente e da defesa da difteria, da leucocitose, do diagnóstico de Wassermann da sífilis e do diagnóstico e da imunização do tifo.

⁴⁵ SCHWARCZ, *Op. Cit.*, p. 11.

⁴⁶ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 50.

Os conceitos de coletivo de pensamento e estilo de pensamento, desenvolvidos por Fleck, foram apoiados na análise da evolução histórica do conceito de sífilis. Ele observou que a maneira como a doença foi definida, bem como os procedimentos empregados para seu diagnóstico e tratamento se modificaram ao longo do tempo. No bojo dessa transformação, estava intrínseca a mudança na concepção de fato científico, decorrente da transformação dos estilos de pensamento.

Como observou Otte, o próprio título da obra evidencia a criticidade do pensamento de Fleck, uma vez que “[...] contradiz e desafia o senso comum quando afirma que o fato *não* é fixo, mas nasce e se desenvolve, possuindo vida útil até ter decretado sua morte pela comunidade científica”.⁴⁷ A partir da visão de fato como algo que foi produzido por alguém, e não como um dado rígido que se apresenta independentemente das intencionalidades do pesquisador, Fleck demonstrou que

Os fatos científicos são condicionados e explicados sócio-historicamente. Interdependentes, formam um *continuum* em que as experiências do presente estão ligadas às do passado e estas se ligarão às do futuro. São as chamadas protoideias ou pré-ideias (ideias originárias), esboços históricos evolutivos pré-científicos das teorias atuais. Constituem concepções surgidas no passado que se mantêm apesar das variações dos estilos de pensamento.⁴⁸

Quando Fleck questionou a suposta solidez do fato, ele não se referia ao caráter evolutivo do objeto de estudo das ciências, mas do “[...] ‘sujeito de estudo’, isto é, a comunidade dos cientistas”.⁴⁹ Para explicitar essa transformação no modo de perceber o fato e delinear o objeto de estudo, em diferentes coletivos de pensamento, Fleck buscou ressaltar como se dá a gênese de um fato:

Assim nasce o fato: *primeiro um sinal de resistência no pensamento inicial caótico, depois uma certa coerção de pensamento e, finalmente, uma forma (Gestalt) a ser percebida de maneira imediata*. Ele sempre é um acontecimento que decorre das relações na história do pensamento, sempre é resultado de um determinado estilo de pensamento.⁵⁰

⁴⁷ OTTE, *Op. Cit.*, p. 109.

⁴⁸ DELOZOICOV et al, *Op. Cit.*, p. 57.

⁴⁹ OTTE, *Op. Cit.*, p. 110.

⁵⁰ FLECK, *Op. Cit.*, p. 144-145, grifos do original.

A percepção da forma se dá em consonância com a iniciação na comunidade científica. Conforme os membros vão aderindo às convicções do estilo de pensamento, abandonam a percepção inicial, de um ver impreciso e caótico, passando a um ver direcionado. Portanto, para Fleck “[...] a construção do ‘fato’ científico decorre do ver formativo ou da percepção ‘estilizada’ proporcionada pelo estilo de pensamento, que mediatiza a interação com os fenômenos que se quer conhecer”.⁵¹

Fleck refutou o pressuposto de fato como algo fixo, demonstrando que “[...] não se deve confundir o fato com o objeto de estudo, pois a definição do que é o objeto de estudo depende do estilo de pensamento e da comunidade dos pesquisadores, do coletivo de pensamento”.⁵² A concepção de Fleck em relação ao fato e à definição do objeto é análogo ao pensamento de Bloch acerca do fato histórico e do objeto da ciência histórica. Em Bloch, fato e objeto também não devem ser confundidos, e ambos não se oferecem como algo estático, esperando para serem analisados; dependem dos interesses do historiador. Schwarcz traçou uma síntese deste pensamento:

Bloch inaugurou a noção de “história como problema”. Em primeiro lugar, a história não seria mais entendida como uma “ciência do passado” uma vez que, segundo Bloch, “passado não é objeto de ciência”. Ao contrário, era no jogo entre a importância do presente para a compreensão do passado e vice-versa que a partida era, de fato, jogada. Nessa formulação pretensamente simples estava exposto o “método regressivo”: temas do presente condicionam e delimitam o retorno, possível, ao passado. [...] “Documentos são vestígios”, dizia Marc Bloch, contrapondo-se à versão da época, que definia o passado como um dado rígido. [...] Segundo Bloch, mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo. É a pergunta que fazemos que condiciona a análise e, no limite, eleva ou diminui a importância de um texto retirado de um momento afastado [...] Nenhum objeto tem movimento na sociedade humana exceto pela significação que os homens lhe atribuem, e são as questões que condicionam os objetos e não o oposto.⁵³

Nesse processo de definição do objeto de estudo pelo historiador, Bloch reconhecia a influência da “atmosfera mental”, do desenvolvimento das ciências

⁵¹ SLONGO, *Op. Cit.*, p. 105.

⁵² OTTE, *Op. Cit.*, p. 113.

⁵³ SCHWARCZ, *Op. Cit.*, p. 7-8.

em geral, à semelhança da “*Stimmung*” de Fleck, uma atmosfera que contém um “sistema de referência” aos indivíduos que fazem parte do coletivo de pensamento.

Ora, nossa atmosfera mental não é mais a mesma. A teoria cinética dos gases, a mecânica einsteiniana, a teoria dos quanta alteraram profundamente a noção que ainda ontem qualquer um formava sobre a ciência. Não a diminuíram. Mas a flexibilizaram. [...] Não sentimos mais a obrigação de buscar impor a todos os objetos do conhecimento um modelo intelectual uniforme, inspirado nas ciências da natureza física, uma vez que até nelas esse gabarito deixou de ser integralmente aplicado.⁵⁴

Portanto, Bloch acreditava na existência do “[...] ‘momento do pensamento’ geral ao qual os historiadores, a cada época, ‘se vinculam’, ‘a atmosfera mental’ de uma época, não muito distante no fundo do *Zeitgeist*, do ‘espírito do tempo’, de uma linhagem de historiadores alemães”.⁵⁵ Outra evidência deste pensamento está em sua afirmação de que, “[...] o historiador, ocupado em compreender e fazer compreender, terá como primeiro dever recolocar em seu meio, banhado pela atmosfera mental de seu tempo, face a problemas de consciência que já não são exatamente os nossos”.⁵⁶

Contudo, segundo Fleck, nem sempre os sujeitos têm consciência da influência da atmosfera social e do estilo de pensamento sobre suas percepções e ações. Dizia que, “O indivíduo nunca, ou quase nunca, está consciente do estilo de pensamento coletivo que, quase sempre, exerce uma força coercitiva em seu pensamento e contra o qual qualquer contradição é simplesmente impensável”.⁵⁷ Bloch, por sua vez, acreditava que “[...], para que uma filosofia impregne toda uma época, não é necessário nem que aja exatamente ao pé da letra, nem que [a maioria] dos espíritos sofra seus efeitos de outro modo que não por uma espécie de osmose, frequentemente [semi-] inconsciente”.⁵⁸

Enfim, a concepção do “fato”, tanto na epistemologia fleckiana, quanto na teoria da História da Bloch, rompem com a pretensa neutralidade do sujeito em relação ao seu objeto de estudo, ainda que cada autor tenha dado destaque a

⁵⁴ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 49.

⁵⁵ LE GOFF, *Op. Cit.*, p. 21.

⁵⁶ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 64.

⁵⁷ FLECK, *Op. Cit.*, p. 84.

⁵⁸ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 92.

elementos diferentes neste processo. Para o primeiro, há o “estado do conhecimento” mediando essa relação e para o segundo, na História, como nas demais ciências, a não neutralidade se reflete por meio das escolhas, pois “[...] face à imensa e confusa realidade, o historiador é necessariamente levado a nela recortar o ponto de aplicação particular de suas ferramentas; em consequência, a nela fazer uma escolha [...]”.⁵⁹ Tais posicionamentos evidenciam as posturas epistemológicas construtivista/construcionista dos autores.

O tempo

A categoria tempo teve um papel central tanto no “método regressivo” de Bloch, quanto na “teoria comparada do conhecimento” proposta por Fleck. A prática historiográfica de Bloch adotava a perspectiva de

[...] uma história de longa duração, de períodos históricos mais alargados e estruturas que se modificavam de maneira mais lenta e preguiçosa, Bloch tornava-se uma espécie de fundador da “antropologia histórica”, ao selecionar eventos marcados pelo seu contexto, mas acionados por estruturas e permanências sincrônicas, anteriores ao momento mais imediato.⁶⁰

Ao analisar a evolução do conceito de sífilis, Fleck percorreu um tempo histórico que se estendeu do século XV ao início do século XX. Esse caráter evolutivo de um conceito o encaminhou para uma análise diacrônica, onde o tempo cronológico assumiu um aspecto mais linear, sucessivo e processual. Contudo, por si só não bastava para explicar as motivações das transformações dos conceitos, exigindo também a análise sincrônica, que privilegiou a repetição e destacou as permanências, pois dizia que descontextualizados, os conceitos não são compreendidos. Exemplo dessa aplicação na teoria da ciência de Fleck são as protoideias, sobre as quais “[...] não estaríamos em condições de decidir se, destacadas de seu contexto histórico, seriam corretas ou falsas, pois correspondem a outro coletivo e a outro estilo de pensamento”.⁶¹

⁵⁹ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 52.

⁶⁰ SCHWARCZ, *Op. Cit.*, p. 8.

⁶¹ FLECK, *Op. Cit.*, p. 67.

Bloch ressaltava o aspecto crucial que a categoria tempo assume para o historiador. Lembrava que “O historiador nunca sai do tempo. [...] ele considera ora as grandes ondas de fenômenos aparentados que atravessam, longitudinalmente, a duração, ora o momento humano em que essas correntes se apertam no nó poderoso das consciências”.⁶² Portanto, o autor indicou a necessidade do historiador trabalhar tanto com o diacronismo, com um tempo mais longo, quanto com o sincronismo, analisando o fato ou fenômeno em comparação com as ideias e hábitos de homens de seu tempo. Dizia Bloch que “[...] aproximar os testemunhos num mesmo plano de duração não satisfaz a comparação crítica competente. Um fenômeno humano é sempre um elo de uma série que atravessa as eras”.⁶³

Outro ponto em comum é que ambos os autores buscaram o equilíbrio entre a linearidade e a não linearidade do tempo. Para Bloch o tempo é “[...] por natureza, um *continuum*. É também perpétua mudança. Da antítese desses dois atributos provêm os grandes problemas da pesquisa histórica”.⁶⁴ Em concepção semelhante, Fleck afirmou que “Temos que interromper constantemente a continuidade temporal da linha descrita das ideias para introduzir outras linhas; [...] e ainda, temos que deixar muita coisa de lado para obter as linhas principais”.⁶⁵

A estreita relação entre passado e presente, tanto na epistemologia de Fleck quanto na teoria da História de Bloch, evidencia o potencial da estrutura teórica construída pelos dois autores, que favorecem o desenvolvimento do método comparativo. Para o primeiro, “[...] qualquer teoria do conhecimento sem estudos históricos ou comparados permaneceria um jogo de palavras vazio, uma epistemologia imaginária (*Epistemologia imaginabilis*)”.⁶⁶ Enquanto isso, o segundo acreditava que “[...] não existe conhecimento verdadeiro sem uma certa escala de comparação”.⁶⁷

O intercâmbio de ideias

⁶² BLOCH, *Op. Cit.*, p. 135.

⁶³ *Ibidem*. p. 115-116.

⁶⁴ *Ibidem*. p. 55.

⁶⁵ FLECK, *Op. Cit.*, p. 56.

⁶⁶ *Ibidem*. p. 62.

⁶⁷ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 65.

Na seção intitulada *Passado e Presente*, em sua *Apologia da História*, além das reflexões sobre a categoria tempo, Bloch tratou da transferência de pensamento entre as gerações. É inevitável associar esse movimento à circulação de ideias apontadas na epistemologia de Fleck. Logicamente, os fenômenos explicados por eles são de naturezas distintas. Enquanto Fleck observou a circulação do pensamento científico, Bloch se referia às tradições, passadas de geração em geração, no pensamento popular.

Tanto Fleck como Bloch se preocuparam em tecer uma análise sociológica sobre como as formas de pensamento são transmitidas. Bloch reconhecia e apostava no papel da tradição na manutenção ou mudança na forma de pensar de uma sociedade. Já Fleck deu ênfase ao papel que a sociedade em geral desempenha quando oferece uma motivação para a investigação dos problemas científicos – como ocorreu no estudo de caso por ele realizado, onde “Havia uma grande predisposição social para os problemas da sífilis, provocadas por velhas ideias pré-científicas [...]”.⁶⁸

O conceito de geração delineado por Bloch parece conter também elementos do que Fleck chamou de coletivos de pensamento:

Os homens que nasceram num mesmo ambiente social, em datas próximas, sofrem necessariamente, em particular em seu período de formação, influências análogas. A experiência prova que seu comportamento apresenta, em relação aos grupos sensivelmente mais velhos ou mais jovens, traços distintivos geralmente bastante nítidos. Isso até em suas discordâncias, que podem ser das mais agudas. Apaixonar-se por um mesmo debate, mesmo em sentidos opostos, ainda é assemelhar-se. Essa comunidade de marca, oriunda de uma comunidade de época, faz uma geração.⁶⁹

Bloch esclareceu que uma geração representa uma fase relativamente curta, e que nelas as modificações das tradições são muito sutis, assim como a transformação de um estilo de pensamento em Fleck. A teoria de Bloch preconizava também, que as mudanças sociais não impedem que elementos da organização social e da “atmosfera mental” anterior permaneçam na nova formação. De forma semelhante, na epistemologia fleckiana, a transformação dos

⁶⁸ FLECK, *Op. Cit.*, p. 124.

⁶⁹ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 151.

objetos de estudo dos grupos de cientistas e as suas novas descobertas não constituem rupturas radicais entre estilos de pensamento. Muitas concepções e pressupostos construídos no passado permanecem no âmbito dos coletivos de pensamento, assim como eles também apresentam predisposições para concepções futuras.

Segundo Bloch, “Quando a transformação se operou, dizemos que uma civilização sucede a uma outra: as sociedades da alta Idade Média ocidental haviam herdado muito do Império Romano; todos, porém, estarão de acordo que não era mais a mesma civilização”.⁷⁰ Isto é, as sociedades se modificam, mas levam, no processo de seu desenvolvimento, ideias e valores das sociedades que as precederam. Nesse sentido, Fleck afirmava que “Vivências atuais se conectam com vivências antigas, alterando assim as condições das futuras”.⁷¹ Portanto, ambos compartilhavam de uma concepção de ciência como algo em permanente movimento e transformação.

Segundo Bloch, são as “[...] transferências de pensamento que fazem, propriamente, a continuidade de uma civilização”.⁷² Tal pressuposto remete à circulação intra e intercoletiva de ideias em Fleck, o motor da transformação de um estilo de pensamento, bem como da dinâmica científica.

Sobre o intercâmbio do conhecimento científico, Fleck realizou uma análise da relação entre a ciência dos manuais, dos periódicos e dos livros didáticos, recorrendo à metáfora de uma “tropa em marcha”. Nela, Fleck via a ciência dos periódicos como a “vanguarda”, fundamental no movimento de transformação de estilos de pensamento da “tropa principal”, que é a ciência dos manuais, embora alertasse que “Nunca se pode prever qual direção a tropa principal escolherá das muitas direções sugeridas pelas vanguardas”.⁷³ Bloch também valorizava a socialização do conhecimento, dedicando-se “[...] aos encontros entre historiadores (ele e Lucien Febvre foram assíduos nos grandes congressos internacionais das

⁷⁰ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 153.

⁷¹ FLECK, *Op. Cit.*, p. 92.

⁷² BLOCH, *Op. Cit.*, p.64

⁷³ FLECK, *Op. Cit.*, p. 178.

ciências históricas nos anos 1920 e 1930), às ‘trocas de informações’, a tudo o que chamaríamos hoje de *comunicação em história*’.⁷⁴

Outra colocação muito difundida de Bloch remete à categoria da circulação intercoletiva de Fleck: o historiador francês acreditava que não haveria “[...] para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares”.⁷⁵ Esta célebre frase expressa a visão de Bloch acerca da responsabilidade do historiador: não apenas produzir o conhecimento histórico, mas também disseminá-lo.

Mostra ainda que Bloch se preocupava com a acessibilidade da linguagem na comunicação entre os diferentes círculos, pois muitas vezes, os “círculos exotéricos” mantêm-se afastados do conhecimento histórico dos “círculos esotéricos” pelo excesso de erudição destes últimos. Além disso, Bloch deixava transparecer um desejo, que olhado pelas lentes de Fleck, faz crer que sua intencionalidade era a de tecer um “estilo de pensamento”, uma unidade social e intelectual mais coesa entre seus pares, pois “Ele almeja em primeiro lugar um acordo da comunidade dos historiadores para definir ‘previamente, por comum acordo, alguns grandes problemas dominantes’ [...]”.⁷⁶

Bloch via a organização dos problemas de pesquisa fundamentais como um fator de fortalecimento da comunidade dos historiadores. Também percebia uma fase na dinâmica científica, semelhante à transição de um estilo de pensamento, motivada pelo que Fleck chamou de “complicações”. Para Bloch, “Toda ciência, com efeito, é, a cada uma de suas etapas, constantemente atravessada por tendências divergentes, que não são possíveis de dirimir sem uma espécie de aposta sobre o futuro”.⁷⁷

No capítulo III, Bloch traçou um “esboço de uma história do método crítico”. Em um trecho, se reconheceu enquanto um membro de um “círculo esotérico” repleto de arrogância, que se afasta dos “círculos exotéricos” dos “leigos”, por preconceito:

⁷⁴ LE GOFF, *Op. Cit.*, p. 27.

⁷⁵ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 41.

⁷⁶ LE GOFF, *Op. Cit.*, p. 27-28.

⁷⁷ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 46.

O esoterismo rebarbativo em que às vezes os melhores dentre nós persistem em se encerrar; em nossa produção de leitura corrente, a preponderância do triste manual, que a obsessão de um ensino mal-concebido coloca no lugar de uma verdadeira síntese; o pudor singular que, mal-saídos da oficina, parece nos proibir de colocar sob os olhos dos leigos as nobres apalpadelas de nossos métodos: todos esses maus hábitos, nascidos da acumulação de preconceitos contraditórios, comprometem uma causa entretanto bela. [...] Entre a investigação histórica tal como é feita ou aspira a ser feita e o público que lê, incontestavelmente subsiste um mal-entendido.⁷⁸

Enfim, são notáveis os pontos convergentes entre os pensamentos de Fleck e Bloch acerca do intercâmbio do conhecimento. Ambos reconhecem que há certa dificuldade na disseminação de conhecimentos científicos, seja pelos problemas decorrentes da “incongruência” entre estilos de pensamento, ressaltadas por Fleck, seja em função do excesso de erudição dos especialistas, como observou Bloch.

Para ambos, essas relações têm como cenário de fundo a atmosfera social que favorece a transformação do pensamento. Para Bloch, “[...] a pacífica continuidade de uma vida social sem rasgos de febre mostra-se menos favorável do que às vezes se acredita à transmissão da memória”.⁷⁹ Fleck também via os momentos de “crise” social como os mais propícios para as mudanças de estilo de pensamento.

A linguagem e a “nomenclatura”

Na última seção do capítulo IV de *Apologia da História*, Bloch analisou *A nomenclatura*, apontando as dificuldades da ciência histórica nesse aspecto. Sinalizou que, ao contrário das ciências exatas e naturais, cujo vocabulário é construído independentemente da vontade de seus objetos ou dos fatos, a História recebe seu vocabulário já configurado. “Aceita-o, já cansado e deformado por um longo uso; ambíguo, aliás, não raro desde a origem, como todo sistema de expressão que não resulta do esforço severamente combinado dos técnicos”.⁸⁰ Fleck ressaltou a linguagem como um dos elementos “constituintes do estilo de pensamento”, como um dos fatores do “sistema de referências” que todos os

⁷⁸ *Ibidem*. p. 94.

⁷⁹ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 85.

⁸⁰ *Ibidem*. p. 136.

coletivos de pensamento adotam. Cada coletivo faz uso de uma linguagem específica, compartilha termos técnicos e essa característica, permite identificar o estilo de pensamento de que é portador. Da mesma maneira, Bloch reconhecia que “Até nas nações mais unificadas, como a nossa, cada pequena coletividade profissional, cada grupo caracterizado pela cultura ou a fortuna, possui seu sistema de expressão particular”.⁸¹ Esta especificidade na epistemologia de Fleck é adjetivada como linguagem “estilizada”, e na teoria da História de Bloch como “estética de linguagem”.

Na teoria da História de Bloch, a linguagem é mais do que uma forma de comunicar, é uma ferramenta que o historiador utiliza para traduzir para o presente um fato ou fenômeno do passado. Por isso, aconselhava ao historiador cautela na articulação da linguagem, com especial atenção à linguagem impositiva ou prognóstica:

Os fatos humanos são, por essência, fenômenos muito delicados, entre os quais muitos escapam à medida matemática. Para bem traduzi-los, portanto para bem penetrá-los (pois será que se compreende alguma vez perfeitamente o que não se sabe dizer?), uma grande *finesse* de linguagem, [uma cor correta no tom verbal] são necessárias. Onde calcular é impossível, impõe-se sugerir.⁸²

A linguagem constitui importante elemento no princípio fleckiano de que estilos de pensamento distantes em concepções e conceitos são incongruentes, têm dificuldades para dialogar, uma vez que “Quanto maior a diferença entre dois estilos de pensamento, tanto menor o tráfego de pensamento”.⁸³ À propósito das diferenças entre linguagens de distintos estilos de pensamento e de sociedades de diferentes tempos e espaços, ambos os autores deram destaque ao problema da “tradução”.

Para Fleck os problemas de tradução se dão no trânsito do conhecimento dos “círculos esotéricos” para os “exotéricos”. Portanto, tais problemas estariam relacionados à transferência do conhecimento, de um círculo a outro. Já na ciência histórica, segundo Bloch, analisando por outra linha de pensamento, os problemas

⁸¹ *Ibidem*. p. 140-141.

⁸² BLOCH, *Op. Cit.*, p. 54-55.

⁸³ FLECK, *Op. Cit.*, p. 160.

de tradução são intrínsecos ao método comparativo, sendo que o procedimento se torna mais difícil quanto mais complexas as organizações e relações sociais, pois “[...] logo que surgem instituições, crenças, costumes que participam mais profundamente da vida própria de uma sociedade, a transposição em uma outra língua, feita à imagem de uma sociedade diferente, torna-se uma empresa cheia de riscos”.⁸⁴

Fleck valorizava o papel da experiência social na determinação do uso da linguagem: “As palavras e as ideias são, originalmente, equivalências fonéticas e intelectuais das vivências, que são dadas de modo concomitante”.⁸⁵ Em sua epistemologia, o condicionamento social do pensamento e da linguagem são aspectos desenvolvidos simultaneamente e, em função da diversidade de “motivações sociais”, apresentam variações em coletivos de pensamento distintos. Nesse sentido, Bloch também reconhecia que “[...] a universal prática de todas as ciências, [são] obrigadas, a partir do momento em que não se contentam mais com meros símbolos algébricos, a beber no vocabulário misturado da vida cotidiana”.⁸⁶

Contudo, Bloch também deu destaque às diferenças de interesses e concepções na historiografia, pois reconhecia que “[...] linguagens de historiadores, alinhadas lado a lado, nunca comporão a linguagem da história”.⁸⁷ Assim, além de reafirmar o caráter coletivo e não neutro da ciência histórica, acrescenta que a categoria linguagem também tem seu uso relacionado às disputas de poder.

A psicologia

Outra aproximação entre Fleck e Bloch é a presença da psicologia em suas análises. A diferença é que o primeiro a utilizou para demonstrar o condicionamento psicológico do conhecimento, enquanto que para o segundo, a disciplina serviu como ferramenta auxiliar. Schwarcz observou que “[...] Bloch usa a vivência do *front* para pensar em temas da psicologia coletiva, ou melhor em uma história da psicologia coletiva”.⁸⁸ Nesse sentido, Le Goff afirmou que “[...] Bloch se

⁸⁴ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 138.

⁸⁵ FLECK, *Op. Cit.*, p. 69.

⁸⁶ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 143.

⁸⁷ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 146.

⁸⁸ SCHWARCZ, *Op. Cit.*, p. 8.

pauta incessantemente pelas possibilidades que a psicologia pode oferecer ao historiador [...]”.⁸⁹

Fleck, por sua vez, defendeu que “[...] pelo menos três quartos, talvez a totalidade, do conteúdo das ciências são condicionados e podem ser explicados pela história do pensamento, pela psicologia e pela sociologia do pensamento”.⁹⁰ Analisando a evolução histórica do conceito de sífilis observou que, no século XV, a origem da doença era atribuída a uma causa “sideral”, motivada pela predominância do pensamento místico-religioso. Esse ambiente favoreceu, ao mesmo tempo, o estigma “pecaminoso” da doença, e o estímulo à pesquisa para o controle da epidemia.

De forma semelhante, Bloch, tomando como exemplo a propagação de outra doença que assolou a Europa no século XIV, ressaltou a psicologia como um fator determinante para a história, mais do que as próprias forças naturais. Para ele,

Os fatos históricos são, por essência, fatos psicológicos. É portanto em outros fatos psicológicos que encontram geralmente seus antecedentes. [...] O vírus da Peste Negra foi a causa primordial do despovoamento da Europa. Mas a epidemia só se propagou tão rapidamente em razão de certas condições sociais, portanto, em sua natureza profunda, mentais, e seus efeitos morais explicam-se apenas pelas predisposições particulares da sensibilidade coletiva.⁹¹

A teoria da *Gestalt*, ou da “psicologia da forma”, influenciou Fleck a identificar a tendência, entre membros de um coletivo de pensamento, da incapacidade de ver aquilo que contradiz a forma, decorrente do desenvolvimento do ver formativo,⁹² sendo a percepção direcionada, o aspecto mais importante que define um estilo de pensamento. Bloch também admite uma forma de pensar e agir comum aos indivíduos de um grupo social, quando afirma que “[...] em uma mesma geração de uma mesma sociedade, reina uma similitude de hábitos e técnicas muito grande para permitir a qualquer indivíduo afastar-se sensivelmente da prática comum”.⁹³

⁸⁹ LE GOFF, *Op. Cit.*, p. 29.

⁹⁰ FLECK, *Op. Cit.*, p. 62.

⁹¹ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 157.

⁹² FLECK, *Op. Cit.*, p. 142.

⁹³ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 111.

Outro aspecto psicológico importante a ser considerado na escrita da História, segundo Bloch, é que esta ciência “[...] lida com seres capazes, por natureza, de fins conscientemente perseguidos”.⁹⁴ Nesse processo de busca para satisfazer suas necessidades físicas, sociais e existenciais, o ser humano comete falhas. Mas para Bloch, “[...] O ato falho é um dos elementos essenciais da evolução humana. Assim como de toda psicologia”.⁹⁵ Para Fleck, os “erros” nas pesquisas científicas, também são vistos como fatores fundamentais para a sua evolução. Como demonstrou no estudo de caso do diagnóstico da sífilis, marcado por muitos experimentos sem êxito, “O zigue-zague do desenvolvimento, cujas etapas todos certamente acompanharam com muita atenção, converteu-se num caminho reto e consciente de sua meta”.⁹⁶

A presença da psicologia nas análises de Fleck e Bloch reflete a conexão destes pensadores com as mudanças nas concepções científicas de seu tempo. Pois, como lembrou Chassot, ainda hoje se discute a cientificidade da psicanálise, a despeito desta ser, ao lado da revolução copérnico-galilaica e do evolucionismo darwiniano, “A terceira grande virada, [...] feita por Freud, abrindo novos caminhos à sociologia, à história, à religião e ao estudo da civilização em geral”.⁹⁷

A construção coletiva do conhecimento

A concepção de construção do conhecimento de Fleck – não apenas científico – apresenta semelhanças com abordagem coletivista da História de Bloch. Para Fleck, “[...] o processo do conhecimento não é o processo individual de uma ‘consciência em si’ teórica; é o resultado de uma atividade social, uma vez que o respectivo estado do saber ultrapassa os limites dados a um indivíduo”.⁹⁸

As interações sociais seriam, então, responsáveis pela formação do pensamento, que antes se estrutura coletivamente, para depois ser absorvido pelos indivíduos:

⁹⁴ *Ibidem.* p. 127.

⁹⁵ *Ibidem.*

⁹⁶ FLECK, *Op. Cit.*, p. 123.

⁹⁷ CHASSOT, *Op. Cit.*, p. 238.

⁹⁸ FLECK, *Op. Cit.*, p. 82.

Os indivíduos pensam, mas “o pensamento”, ambientado no contexto histórico e social, é algo que se desvincula dos seus portadores para ganhar uma autonomia coletiva. Ao contrário do ideal racionalista ou iluminista, a autonomia do pensamento não é uma característica do indivíduo que se emancipou de todo tipo de dependência, que alcançou a autonomia mediante o pensamento, mas diz respeito à ideia de o pensamento ser algo pelo menos parcialmente independente do indivíduo. Este não é mais dono do pensamento, mas adere a ele.⁹⁹

No caso da ciência histórica, Bloch também argumentou neste sentido, afirmando que o “[...] progresso de nossos estudos é feito da contradição necessária entre as gerações sucessivas de trabalhadores”.¹⁰⁰ Fleck, por sua vez, enfatizou a estrutura social do universo científico, descrita por ele como

[...] um trabalho coletivo organizado com divisão de trabalho, colaboração, trabalhos preparativos, assistência técnica, troca de ideias, polêmicas, etc. [...]. Há uma hierarquia científica, grupos, adeptos e adversários, sociedades e congressos, periódicos, instituições de intercâmbio etc. O portador do saber é um coletivo bem organizado, que supera de longe a capacidade de um indivíduo.¹⁰¹

Bloch também reconhecia a importância da divisão do trabalho historiográfico por especializações, considerando um movimento natural, uma vez que “A vida é muito breve, os conhecimentos a adquirir muito longos para permitir, até para o mais belo gênio, uma experiência total da humanidade”.¹⁰² Esse crítico dos métodos historiográficos lembrava aos especialistas que as “[...] investigações históricas não sofrem de autarquia. Isolado, nenhum deles jamais compreenderá nada senão pela metade, mesmo em seu próprio campo de estudos [...]”.¹⁰³

Bloch não só considerava salutar a existência de especialidades em determinados campos de investigação, como sugeriu “[...] uma aliança de técnicas praticadas por eruditos diferentes, mas [todas] voltadas para a elucidação de um

⁹⁹ OTTE, *Op. Cit.*, p. 111.

¹⁰⁰ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 41.

¹⁰¹ FLECK, *Op. Cit.*, p. 85.

¹⁰² BLOCH, *Op. Cit.*, p. 68.

¹⁰³ *Ibidem.*

tema único. Esse método supõe o consentimento no trabalho por equipes”.¹⁰⁴ Todavia, apesar de privilegiar a abordagem coletiva na análise histórica,

[...] Marc Bloch não deixa por isso de fazer do indivíduo um dos pólos de interesse da história. Ele diz sobre a investigação histórica “que ela deve se voltar de preferência para o indivíduo ou para a sociedade” e critica a definição de história de Fustel de Coulanges, [...]: “a história é a ciência das sociedades humanas”, observando que “isso talvez seja reduzir em excesso, na história, a parte do indivíduo”.¹⁰⁵

Da mesma forma,

Fleck não pretende minimizar a contribuição dos indivíduos que participam de um trabalho de pesquisa. Mas os indivíduos isolados não podem ser considerados como os verdadeiros portadores da ciência, muito menos da ciência que envolve pesquisas empíricas.¹⁰⁶

Esse diálogo entre os pensamentos de Fleck e Bloch corrobora para o entendimento de que a aproximação de suas concepções de ciência se dá a partir da abordagem de perspectiva coletiva. No entanto, mostra que os autores não deixaram de reconhecer a importância do papel do indivíduo na construção do conhecimento e no protagonismo social e histórico, quando argumentam que nenhum indivíduo está alheio às “atmosferas” que pairam sobre as comunidades científicas, assim como estas não estão imunes às forças sociais externas.

Considerações finais

Ao introduzir sua obra *Apologia da História*, Marc Bloch posicionou-se frente à provisoriedade da sua ciência, afirmando que “O inacabado, embora tenda a ser perpetuamente superado, tem, para todo espírito um pouco ardoroso, uma sedução que equivale à do mais perfeito triunfo”.¹⁰⁷ Essa é a essência do possível diálogo entre os pensamentos de Fleck e Bloch, até aqui delineado: a sensação de sua incompletude, o reconhecimento de seus interstícios.

¹⁰⁴ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 81.

¹⁰⁵ LE GOFF, *Op. Cit.*, p. 22.

¹⁰⁶ SCHÄFER; SCHNELLE, *Op. Cit.*, p. 20.

¹⁰⁷ BLOCH, *Op. Cit.*, p. 49.

Isto é, todo esse exercício revela que as possibilidades de diálogo não se encerram na semelhança entre suas concepções de fato científico; no reconhecimento de uma “atmosfera” social que influencia o pensamento dos homens de uma mesma época; na importância que ambos deram à categoria tempo, ao intercâmbio de ideias, à linguagem, à psicologia e à noção de construção coletiva do conhecimento.

Mostra-se relevante avançar no aprofundamento dos estudos sobre o pensamento destes dois autores, que vêm orientando e contribuindo com a pesquisa em diferentes campos do conhecimento. Portanto, para além das inúmeras sintonias entre suas perspectivas teóricas, merecedoras deste compartilhamento, mostra-se pertinente seguir investigando possíveis distanciamentos entre as proposições de Fleck e Bloch.

Por meio desta breve perspectiva comparada, foi possível demonstrar ainda que a epistemologia de Fleck, orientada pelas abordagens evolucionista, construtivista e interacionista do conhecimento, possui pressupostos científicos semelhantes aos que pautaram o pensamento de Bloch, precursor dos *Annales*, inserida na modalidade epistemológica construcionista da História.

Desta forma, a aproximação entre suas concepções de ciência evidenciou que a sintonia na formulação de conceitos e categorias de suas teorias é fruto do compartilhamento do estilo de pensamento sociológico e de outros pressupostos da ciência moderna renovadora, construídos a partir do século XX. Os conceitos e categorias que emergiram deste diálogo demonstraram também o potencial da estrutura teórica dos autores para a pesquisa científica, especialmente por meio do desenvolvimento de uma metodologia comparativa.

E, finalmente, ultrapassando a esfera de suas produções científicas, pode-se afirmar que suas trajetórias de vida revelam que foram homens de seu tempo, onde não cabia apenas atuar por meio de pesquisas e escritos, mas era necessário também ser sujeito histórico, lutar e se envolver nas causas políticas e sociais nas quais acreditavam.

Referências Bibliográficas

Bibliografia

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e conhecimento: uma abordagem epistemológica. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 1-19.

CHASSOT, Ático. **A ciência através dos tempos**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2004.

CONDÉ, Mauro Lúcio. Apresentação. *In*: CONDÉ, Mauro Lúcio L. (org.). **Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência**. Belo Horizonte: Traço Fino, 2012. p. 7-9.

DELIZOICOV, Demétrio; CASTILHO, Nadir; CUTOLO, Luiz R. A.; DA ROS, Marco A.; LIMA, Armênio M. C.. Sociogênese do conhecimento e pesquisa em ensino: contribuições a partir do referencial fleckiano. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 19, n. especial, p. 52-69, jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/10054>. Acesso em 12/09/2015.

FEHR, Johannes. Ludwik Fleck – Sua Vida e Obra. *In*: CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão (org.). **Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência**. Belo Horizonte: Traço Fino, 2012. p. 35-50.

FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. *In*: BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 15-34.

LÖWY, Ilana. Fleck no seu tempo, Fleck no nosso tempo: Gênese e desenvolvimento de um pensamento. *In*: CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão (org.). **Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência**. Belo Horizonte: Traço Fino, 2012. p. 11-33.

OTTE, Georg. Fato e pensamento em Ludwik Fleck e Walter Benjamin. *In*: CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão (org.). **Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência**. Belo Horizonte: Traço Fino, 2012. p. 109-119.

ROCHA, Claudia Smuk da. **O estado do conhecimento sobre o Ensino de História na EJA: um estudo a partir dos Anais dos Simpósios da Associação Nacional de História (ANPUH-Brasil) 1961-2015**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016.

SCHÄFER, Lothar; SCHNELLE, Thomas. Fundamentação da perspectiva sociológica de Ludwik Fleck na teoria da ciência. (Introdução). *In*: FLECK, Ludwik. **Gênese e**

desenvolvimento de um fato científico. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. p. 1-36.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Por uma historiografia da reflexão (Apresentação à edição brasileira). *In*: BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 7-12.

SLONGO, Iône Inês Pinsson. **A produção acadêmica em Ensino de Biologia:** um estudo a partir de teses e dissertações. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. Conclusão: avanços em xeque, retornos úteis. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 319-335.

WEHLING, Arno. Fundamentos e virtualidades da epistemologia da História: algumas questões. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 147-169, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1943>. Acesso em 12/02/2016.

Recebido: 03/05/2020
Aprovado: 17/07/2020